



PORQUE EU GOSTO DO SEU TOM DE PELE... UM MOMENTO LÚDICO TRANSFORMADO EM LUGAR DE FALA

Priscila Gabriel Gonçalves e Sá

priggsa@gmail.com

Resumo

Neste artigo, analiso uma situação ocorrida em Sala de Leitura de uma escola pública municipal do Rio de Janeiro a partir de observação pessoal. Um estudante do 8º ano do Ensino Fundamental fala uma frase de grande impacto para os envolvidos na aula durante uma dinâmica de grupo. A continuidade dá-se por meio de debate referente à questão racial, o que me faz apoiar o debate neste artigo na Lei 10639 (2003), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) e em Carneiro (2019), hooks (2019), Gomes (2005) e Ribeiro (2019), destaco a importância de discentes e docentes assumirem papéis de protagonistas e multiplicadores da questão da construção da identidade e da igualdade racial na luta por direitos e por uma educação antirracista.

Palavras-chave

Lugar de fala. Racismo. Reconhecimento identitário. Transformação. Lei 10639.



*“Seja menos preconceito, seja mais amor no peito.
Seja Amor, muito mais amor.
E se mesmo assim for difícil ser
Não precisa ser perfeito
Se não der pra ser amor, que seja pelo menos respeito.*

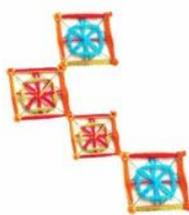
*Há quem nasceu pra julgar
E há quem nasceu pra amar
E é tão difícil entender em qual lado a gente está
Que o lado certo é amar!
Amar pra respeitar
Amar pra tolerar
Amar para compreender
Que ninguém tem o dever de ser igual a você!
O amor, meu povo,
O amor é a própria cura, remédio pra qualquer mal.
Cura o amado e quem ama
O diferente e o igual
Talvez seja essa a verdade
Que é pela anormalidade
Que todo amor é normal.*

*Não é estranho ser negro, o estranho é ser racista.
Não é estranho ser pobre, o estranho é ser eletista.
O índio não é estranho, estranho é o desmatamento.
Estranho é ser rico em grana, e pobre em sentimento.
Não é estranho ser gay, estranho é ser homofóbico.
Nem meu sotaque é estranho, estranho é ser xenofóbico.
Meu corpo não é estranho, estranho é a escravidão
Que aprisiona seus olhos na grade de um padrão.
Minha fé não é estranha, estranho é a acusação,
Que acusa inclusive quem não tem religião.*

*O mundo sim é estranho,
Com tanta diversidade
Ainda não aprendeu
A viver em igualdade.
Entender que nós estamos percorrendo a mesma estrada
Pretos, brancos, coloridos em uma só caminhada.
Não carece divisão por raça, religião,
Nem por sotaque, oxente!*

*Seja homem ou mulher
Você é o que é
Por também ser diferente.
Por isso minha poesia, que sai aqui do meu peito.
Diz aqui a diferença nunca foi nenhum defeito.
Eu reforço esse clamor:
Se não der pra ser amor, que seja ao menos respeito!”*

Respeito a diversidade - Bráulio Bessa



Sim, foi preciso criar uma lei. Uma lei que “obriga” as escolas a fazerem o que já deveria ser feito sem precisar dela: falar sobre a história e a cultura afro-brasileira. Em 9 de janeiro de 2003, o então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, promulga a Lei Federal nº 10.639 que chega para “alterar a Lei nº 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’”. (BRASIL, 2003).

Desde que a lei começou a vigorar pelas escolas Brasil afora, foi preciso criar um caminho para que fosse entendido o seu sentido verdadeiro. O currículo é intercultural. Ele representa território de poder, de encontros. A escola sempre teve um papel importantíssimo, pois é nela que constroem-se as relações de poder. Nela é possível fazer um bom trabalho de Letramento Racial. Nossas crianças chegam sem conhecimento da sua ancestralidade. É preciso entender que há uma séria necessidade de repensar o currículo, que não pode mais ser eurocentrado. Desde a chegada dos africanos ao Brasil, diferentes culturas se encontram. Algumas práticas de nossos ancestrais foram ressignificadas em território brasileiro.

A partir desse ponto de vista podemos dizer que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana chegam em 2004 com o objetivo de ressignificar o conteúdo curricular, como nova forma de ser e pensar. É muito mais do que ensinar História da África. Faz-se necessário criar territórios em que os conflitos apareçam e que haja necessidade de representação e de apropriação do lugar de fala.

“A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com esta medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática”. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2004, p. 17).

A disciplina do Mestrado intitulada como “Relações Étnico- Raciais” chega com uma perspectiva de trabalhar o ‘como lidar com as diferenças na sala de aula’. O desenvolvimento semanal das aulas é feito através de textos com discurso antirracista e discussões a respeito



deles, onde participam ativamente as duas professoras (de uma inteligência inquestionável, uma professora negra e outra branca, que nos mostraram em realidade da diferença entre lugares de fala), todos os alunos, além de alguns convidados que nos presentearam com visões de mundo e experiências fantásticas de vida. Além disso, foi feito um grande encontro com apresentação de poesia e um grupo de jongo. Ao final, a disciplina ofereceu uma incursão pedagógica, no Museu Afro Brasileiro, no Parque do Ibirapuera, em SP, onde pudemos vivenciar um pouco alguns fatos trabalhados ao longo das aulas.

Cada um dos alunos da turma traz consigo grande bagagem pessoal que reúne relatos de experiência de vida e, também, de trabalho. Há troca, há envolvimento de sentimentos, há desabafos e há, acima de tudo, a certeza de que, discutindo os temas propostos, começa-se a ver a possibilidade de enfrentamento justo por um mundo mais igualitário.

Mais uma vez, a função social da escola mostra-se presente o tempo todo. Como é importante falarmos sobre temas como racismo, branquitude, lugar de fala... para compreendermos a necessidade do entendimento de conceitos que devem ser trabalhados constantemente no dia a dia da sala de aula!

Vê-se, também, o quanto é fundamental o papel do professor em todo esse processo, visto que é ele que terá o papel de mediar situações ocorrentes nas aulas, vindas de uma sociedade injusta e desigual.

Ainda estamos em um dos únicos espaços de transformação real da sociedade: a escola! Local este que pode construir espaços de mais igualdade, através de uma educação como prática de liberdade, como nos fala bell hooks. Nosso olhar agora é diferenciado e muito mais atento a cada momento vivido com nossos alunos nas diversas escolas em que trabalhamos.

Reeducação do olhar e do escutar foram pontos fundamentais da referida disciplina. Fazer transcendência para a vida prática do que se aprende na base teórica das aulas é objetivo principal de todos os grandes mestres.

“Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores (as), sobre a importância da diversidade cultural?” (GOMES, 2005).



A seguir, o relato de experiência que gerou tantos pensamentos fervilhantes sobre o tema.

Era um dia “normal” em uma escola pública municipal do Rio de Janeiro. A Escola Municipal Pereira Passos localiza-se no Rio Comprido e é muito tradicional no bairro. Por ser bem antiga e com muita história – fará 100 anos em 2022 – é tombada pelo Patrimônio Histórico. A escola tem turmas de Ensino Fundamental I e II, do primeiro ao nono ano. São aproximadamente 750 alunos divididos em dois turnos. Além disso, são duas diretoras, uma coordenadora pedagógica e, entre professores e funcionários, são em torno de 40 pessoas.

A escola tem um espaço pequeno, que não pode ser modificado devido ao tombamento. No térreo, são 8 salas de aula, seis delas ficam ao redor de um lindo jardim central, dito jardim de inverno, no qual encontra-se um busto do Prefeito Pereira Passos, esculpido por Rodolfo Bernardelli. Aos fundos, encontra-se um pequeno pátio e o refeitório. Três salas foram construídas num segundo piso ao fundo da escola, onde ficam as turmas do 1º ciclo de Alfabetização.

Era fim de ano letivo. 2019. Um professor de Geografia falta, numa turma de oitavo ano, e a professora da Sala de Leitura é a encarregada de ficar com a turma por um tempo de 50 minutos. Esse cenário é bem comum em escolas públicas municipais. Quando os professores faltam por qualquer razão, os alunos não podem ser dispensados ou ficar sem aulas. Porém, não há professores substitutos, às vezes nem regentes para todas as turmas. Assim, os professores de Sala de Leitura acabam fazendo esse papel de substituição em todas as turmas da escola, de acordo com a necessidade.

A turma vai para a sala, os alunos sentam-se em roda e a professora começa seu projeto intitulado “Poesia falada”. Este é um dos projetos oferecidos pela Prefeitura em turmas de formação continuada de professores. Os envolvidos fazem seis encontros com uma professora especialista, que ensina o passo a passo do trabalho com poesia falada, incluindo apresentações de poetas, dinâmicas de grupos e sugestões de objetos de aprendizagem. São convidados professores de primeiro segmento, bem como os de Língua Portuguesa e de Sala de Leitura. Durante o desenvolvimento do projeto, os alunos precisam expor sentimentos e, para isso, precisam aprender a “abrirem-se” de maneira simples, mas que futuramente funcione como produção de linguagem oral e escrita.



Os alunos são convidados a fazerem uma dinâmica de relaxamento. Depois, conversam sobre como sentiram-se no momento. Cria-se o primeiro vínculo entre professores e alunos. De início, demonstram vergonha, timidez, mas depois, ocupam seu lugar de fala e começam a fazer relatos surpreendentes. A primeira dinâmica caminha muito bem e os alunos são avisados que têm mais um tempo vago, mas escolhem ficar com a professora da Sala de Leitura. Gostam de falar, querem falar, precisam falar.

A professora, então, começa com a “aula 2” do seu projeto de Poesia Falada. É feita uma outra dinâmica, intitulada “Dinâmica do Eu Te Amo”. Os alunos deveriam chamar um colega, dar as mãos e dizer: Fulano, qual o seu nome? E o colega respondia: Meu nome é... E ele dizia: (nome), eu te amo! O colega respondia: Por que você me ama? Então, ele tinha que escolher alguma característica do colega para explicar o porquê do sentimento de amor. Era possível dizer coisas como: eu te amo porque você usa calça jeans, ou: eu te amo porque você tem cabelos longos, ou: eu te amo porque você é muito bonito... Enfim, cada um poderia escolher como iria explicar. Depois, todos os alunos da roda que se identificassem com aquela característica, deveriam trocar de lugar. Assim como uma brincadeira muito famosa: a dança das cadeiras, cada um ia sobrando e saindo e os outros continuavam na roda.

Esta era a explicação da brincadeira/dinâmica na teoria. Na prática, quando tudo começou, foi preciso mudar um pouco as “regras”. Os alunos, em sua grande maioria, começaram a participar de maneira muito tímida. Depois, no decorrer da brincadeira, passaram a disputar o lugar de fala, o que provocou um intenso encantamento na professora, pois era esse o objetivo: que todos quisessem falar, pelo menos por uma vez.

Tudo transcorria bem, até que um menino negro diz: “Eu te amo por causa do tom da sua pele”. Ele estava referindo-se a uma colega branca da turma. Há um momento de silêncio entre eles. A professora intervém e pergunta o porquê daquela fala. A resposta é rápida: “a pele dela é branca, é mais bonita que a minha, por exemplo. Eu gosto mais”.

A partir desse momento, a professora propõe um debate sobre o tema e descobre que muitos alunos apresentavam a mesma opinião que aquele menino que teve a fala. Foi um momento tenso para a professora, branca. Para outros alunos, a fala gerou certa instabilidade emocional, mas para a grande maioria, isso era natural, por fazer parte da rotina. Como já havia estudado, era bem claro para a regente seu lugar de fala de branquitude.



A mediação é feita com base nos estudos da disciplina apontada neste artigo e, desde aquele dia, a turma como um todo, envolvendo professora, alunos, professores regentes das disciplinas do oitavo ano e até funcionários da escola passam a FALAR sobre as questões apresentadas. Racismo vai muito além de preconceito ou discriminação. Discute-se tipos de racismo (individualista, institucional, estrutural...) e vê-se que ainda há muita falta de informação a respeito da seriedade do tema.

“Quem pode falar? “O que acontece quando nós falamos?” e “Sobre o que nos é permitido falar?” Esses questionamentos são fundamentais para que possamos entender lugar de fala. Dentro desse projeto de colonização, quem foram os sujeitos autorizados a falar? O medo imposto por aqueles que construíram as máscaras servem para impor limites aos que foram silenciados? Falar, muitas vezes, implica receber castigos e represálias, e justamente por isso, muitas vezes, prefere-se concordar com o discurso hegemônico como modo de sobrevivência? (RIBEIRO, 2019)

Esta aula, que deveria durar um tempo de aula de 50 minutos, passa a ter três tempos. E, na verdade, compreende-se que aquilo saiu da sala para a vida, tendo como meta principal que cada um buscasse seu lugar de fala em qualquer espaço social.

Discute-se e aponta-se o tempo todo para os 44 alunos da turma (sim, a turma é bem cheia!) a importância de assumir o papel de protagonistas e multiplicadores da questão da construção e reconhecimento da identidade e da igualdade racial na luta pelos direitos. Somos seres humanos! Somos todos iguais, mesmo nas diferenças físicas. Temos que lutar por isso e por nosso lugar de fala nesta sociedade que precisa de mudanças urgentes...

“Falar de racismo, opressão de gênero, é visto como algo chato, ‘mimimi’ ou outra forma de deslegitimação. A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva, porque aí se está confrontando poder”. (RIBEIRO, 2019)

Vê-se também, no caso apresentado, a importância da formação do professor, pois com seu olhar “educado” para as diferenças, consegue aproveitar-se de seus conceitos para mudar, ou ajustar, a visão social de seus alunos, que vêm de classe popular e precisam saber que SIM, são capazes!



O sujeito sofre mais quando toma consciência de si mesmo. O papel do professor, educador, mediador é entender isso, saber como colocar seus alunos perante à sociedade e fazê-los serem capazes de defender seu lugar de fala, independente de onde estejam.

“Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e gênero. Esse é o sentido final da luta”.(CARNEIRO, 2003)

Ainda estamos muito, muito longe do que é considerado o ‘caminho certo’, porém se o olhar dos educadores estiver aguçado para estas questões, as sementes serão plantadas para que haja um futuro menos desigual entre as pessoas de diferentes raças. Afinal, como bem diz bell hooks (2019), o fato de a mídia e os currículos escolares não abordarem a profundidade da experiência negra, não significa que a vida dos negros não seja complexa nem sem valia.

É necessário que, desde cedo, trabalhe-se com crianças e jovens negros nas escolas brasileiras a sua real importância na formação do povo brasileiro. É preciso que orgulhem-se de suas origens e busquem seu lugar de fala em quaisquer ambientes que se fizer necessário. É importante que a identidade seja construída neste nível, com orgulho de seu ser. Lembrando que a identidade para se construir como realidade, pressupõe interação, pois nenhuma identidade é construída no isolamento. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros (GOMES, 2005), então, mais uma vez destaca-se a importância dessa formação ser para todos os envolvidos no sistema educacional, independente de raça.

Termino este artigo com um grande agradecimento às professoras Jonê Baião e Mônica Lins, que foram as responsáveis pela disciplina que aflorou meu olhar de educadora e fizeram com que eu soubesse me portar diante da situação apresentada. Sim, a professora da Sala de Leitura sou eu. E... sim, sinto-me preparada para trabalhar todas as questões apresentadas, ao menos fazendo meus alunos refletirem sobre o que lhes é apresentado pela vida afora.



Referências Bibliográficas

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF, 2014.

BRASIL, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 2003.

CARNEIRO, S. *"Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero"*. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

GOMES, N. "Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão". In: Coleção Educação para todos – *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10639/03*. Brasília, 2005.

HOOKS, b. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

RIBEIRO, D. *Lugar de fala* – Coleção Feminismos Plurais. São Paulo, 2019.